

SENSIBILIZAÇÃO FONOLÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: EFEITOS SOBRE A QUALIDADE DAS ESCRITAS INICIAS

CARLA MELISSA KLOCK SCALZITTI¹;
ANA RUTH MORESCO MIRANDA²

¹UFPEl – Universidade Federal de Pelotas – carlamelissapacto@gmail.com

²UFPEl – Universidade Federal de Pelotas – anaruthmmiranda@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem sua origem na percepção, como profissional da educação infantil, de que a linguagem oral e escrita suscitou, e ainda suscita, questionamentos sobre atividades que envolvem a cultura escrita nesta etapa da educação básica, isto é, sobre quais atividades envolvendo a tecnologia da escrita e o letramento poderiam/deveriam ser desenvolvidas pelos professores da educação infantil em suas salas de aula.

Tais questionamentos foram formulados a partir da pesquisa de mestrado (SCALZITTI, 2012), com o objetivo de contribuir para as discussões existentes no campo, as quais abordam as relações entre alfabetização/letramento e a infância. Apesar de muitas respostas, novas interrogações surgiram.

No ano em que a pesquisa de mestrado foi finalizada, ingressei como formadora do PNAIC – Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, projeto de formação continuada criado pelo Ministério da Educação do Governo Federal cujo objetivo principal foi oferecer materiais teóricos e cursos formativos para professores em serviço, aliando teoria e prática. Dessa experiência surgiu o interesse por estudar a consciência fonológica (doravante CF) e seus efeitos sobre a aprendizagem da escrita, a partir da percepção de que atividades de estimulação à CF podem ampliar a abordagem que comumente se adota em relação à língua, a saber, a de que além de usar a linguagem para atender a propósitos comunicativos, podemos tomá-la como objeto de reflexão, assumindo diante dela uma atitude metalinguística.

Há uma linha de estudos que considera ser a CF fundamental para que um aprendiz se alfabetize, pois ela auxilia na reflexão acerca dos segmentos sonoros das palavras que pronunciamos, colaborando assim para o desenvolvimento de habilidades de reflexão e manipulação do sistema escrita alfabético em seus diferentes aspectos (LAMPRECHT, p. 30, 2012).

A proposta da pesquisa é iniciar o trabalho com crianças de 4 a 5 anos, por isso, justificamos que o termo consciência fonológica caracterizar-se por uma gama de habilidades que,

(...) justamente por serem distintas e por envolverem unidades linguísticas também diferenciadas, revelam-se em momentos específicos da maturação da criança, desenvolvem-se em um *continuum* de complexidade, indo desde a sensibilidade às rimas de palavras, passando pela capacidade de manipulação de sílabas e de unidades intrassilábicas e indo até a menor unidade de som capaz de mudar o significado, o fonema. (LAMPRECHT, p. 32, 2012)

O estudo a ser realizado parte da ideia de que a sensibilização fonológica pode ser um aliado importante no processo de aquisição da escrita, um auxiliar da alfabetização, pois permitirá que a reflexão sobre a língua aconteça de maneira lúdica, despertando assim para a manipulação consciente das palavras.

Manipular envolve a capacidade de o falante desempenhar atividades como as de apagar, adicionar, ou substituir sons, por exemplo. Pode-se ilustrar isso ao se solicitar que uma palavra como “mala” seja produzida sem o primeiro som. (LAMPRECHT, p. 31, 2012)

A pergunta que orienta a pesquisa que começa a ser desenvolvida pode ser assim formulada: *A sensibilização fonológica, nas salas de aula de crianças com idades entre 4 e 5 anos da Educação Infantil, pode influenciar o desempenho das crianças no período em que elas produzem escritas com base na hipótese silábica e, posteriormente, em sua escrita alfabética?*

Os ancoradouros teóricos que alicerçam a pesquisa estão em Morais (2012), Ferreiro e Teberosky (1982), Miranda (2008), Vygotsky (2000), Lamprecht (2012).

2. METODOLOGIA

A pesquisa se constituirá em um estudo longitudinal e a coleta de dados ocorrerá ao longo de dois anos. Serão duas turmas de educação infantil de escolas públicas compostas por crianças de 4 e 5 anos. Uma das turmas será submetida a uma sequência de atividades semanais cujo objetivo é a estimulação da CF, proposta desenvolvida pela própria pesquisadora, e a outra receberá o atendimento oferecido pela escola em sua rotina diária. Os corpora serão constituídos por dados de crianças do Grupo Experimental e daquelas do Grupo Controle.

Ao longo dos dois anos de acompanhamento, serão aplicados testes de leitura e escrita a todas as crianças participantes, sempre no início e no final do ano letivo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa está em seu momento inicial. As atividades com crianças de 4 anos visarão o estímulo sistematizado da linguagem oral e da escrita para que se possa verificar os efeitos deste tipo de trabalho com crianças pequenas no âmbito escolar no processo de apropriação dos princípios do sistema de escrita. Foi realizado, nos meses de julho e agosto de 2016, o contato com a Escola Municipal de Educação Básica Ednilson Francisco Kolling, em Várzea Grande – Mato Grosso e foi dado início a uma coleta de dados para o plano piloto. Foram desenvolvidas atividades com crianças de 4 anos enfatizando, no primeiro momento, o trabalho com rimas no grupo experimental. Foram filmadas 3 aulas e o plano de aula da professora do grupo controle foi observado.

Transcrevo um estrato do trabalho com rimas, proposto na sala de Educação Infantil com crianças de 4 anos.

Iniciamos com a brincadeira “corre cutia”. A pesquisadora pergunta às crianças se conhecem a brincadeira e escuta os exemplos e as explicações dados por elas. Percebemos que existe mais de uma maneira de se brincar de corre cutia, conforme relatado pelas crianças na sala de aula. A pesquisadora propõe então que uma das versões fosse escolhida para ter suas regras registradas em um papel pardo,. É ressaltado para as crianças que este registro vai ajudar a não esquecermos o que combinamos. Após ter feito o registro do desenvolvimento da brincadeira, a pesquisadora escreve, em um cartaz, a letra da música que deve ser cantada para o desenvolvimento da brincadeira.

Brincamos de corre cutia e depois, ainda em roda, conversamos sobre quais palavras combinam com cutia na música. As crianças se calam e

percebo que não reconhecem o que é uma cutia. Apresento uma imagem da cutia e um aluno a compara com uma anta, digo ser bem menor, mas que também é um roedor, mamífero parente da anta.

Retomo a questão:

- O que combina com a palavra cutia na música?

Uma aluna levanta e diz:

- Ora, anta! Porque é parente da cutia.

Mas explico que devemos analisar o som da palavra, não o que combina com a imagem da cutia. Cantamos a música novamente e logo disparam a responder:

- dia!

- tia!

Muito bem e o que combina com cipó

- Não sei. Responde outro aluno

O mesmo aluno que respondeu que dia rima com cutia se manifesta:

- Vó. Cipó rima com vó!

A aluna J complementa:

- também combina coração com chão.

Ao perceber que, pelos seus manifestos, as crianças começam a pensar nas palavras do ponto de vista da sonoridade, conversamos sobre palavras que rimam e solicitei que pensássemos em algumas. Iniciei perguntando o que rimava com mão.

Um dos alunos responde:

- braço!

Retomo lembrando que não eram coisas que combinam com as imagens e sim rimas, que é quando o som das palavras são iguais. Logo outro aluno participa dizendo:

- Chão. Mão rima com chão, já falamos isso!

Vou escrevendo no quadro com letra bastão as palavras que vão falando, vou dizendo uma e solicito a rima, para registro: janela/panela; mão/pão; menina/bailarina; sabonete/sorvete; borboleta/chupeta; rainha/galinha; ovelha/abelha; avião/leão; mamadeira/cadeira; faca/vaca.

Depois de conversarmos sobre outras palavras que rimam construí, com as palavras ditas por eles, um jogo de dominó, utilizando a imagem dos objetos e os respectivos nomes escritos abaixo de cada imagem, com letra bastão.

Jogamos o jogo de dominó de rimas. Cada aluno recebeu uma peça, imagem com nome no mesmo retângulo, assim que recebia a imagem, deveria falar o nome da imagem e o outro colega que tinha a palavra que rimasse deveria se manifestar.

Destaco que nesta atividade havia a possibilidade de juntar pela imagem, ou seja, animal com animal, não sendo observado o som. Depois de alguns questionamentos da pesquisadora as crianças começaram a corrigir umas às outras dizendo:

- Rima é o som e não a figura. Escute!

Por estarmos no início da pesquisa os dados apresentados acima, ainda, são parciais, mas ilustram o tipo de trabalho que será desenvolvido com o grupo Experimental.

4. CONCLUSÕES

Como resultados esperados temos a pretensão de apresentar, após acompanhar o desenvolvimento das crianças no que diz respeito às suas hipóteses de escrita, uma caracterização das escritas silábicas e alfabéticas produzidas a partir de uma análise qualitativa das produções. A literatura tem mostrado que a

hipótese silábica, considerada pelos estudos psicogenéticos como um marco conceitual, pois expressaria o período em que a criança começa a estabelecer relação entre os níveis fônico e gráfico da língua, é motivo de controvérsia, exatamente porque são observados comportamentos diferentes em crianças de línguas e sistemas de escrita distintos.

Nos estudos sobre a aquisição da escrita do português, por exemplo, as escritas produzidas no nível silábico podem ou não apresentar relação entre a letra e o valor sonoro, assim como a preferência poderá ser por consoantes ou vogais. Como já discutido por Ferreiro (1982) existem diferenças qualitativas importantes em produções realizadas com base na mesma hipótese, o que justifica o empreendimento que será feito, uma vez que, a partir dele, será possível discutir a relação entre a sensibilidade fonológica e a qualidade das escritas silábicas e alfabéticas.

Evidenciamos que as atividades de sensibilização fonológica não se caracterizarão como “facilitador” da aprendizagem da leitura e da escrita, menos ainda, como atividades de “prontidão” para a alfabetização e, sim, colaborarão para transportar as crianças a desenvolver a análise das propriedades das palavras, refletindo sobre suas formas orais e escritas. A ludicidade e a brincadeira estarão envolvidas nas atividades propostas, sem assim, descaracterizar a infância, mas respeitando seu direito garantido na legislação de ter contato significativo e reflexivo com os bens culturais: linguagem oral e escrita.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERREIRO, Emília e colaboradores (1982). **Analisis De Las Perturbaciones En El Proceso De Aprendizaje Escolar De La Lectura Y La Escritura**. Fascículo 2. México, 1982

LAMPRECHT, Regina Ritter (org.), BLANCO-DUTRA, Ana Paula [et al.] (2012). **Consciência dos sons da língua – subsídio teóricos e práticos para alfabetizadores, fonoaudiólogos e professores de língua inglesa**. 2. Ed. Porto Alegre: EDIPUCRS.

MORAIS, A. G. (2012). **A apropriação do sistema de notação alfabética e o desenvolvimento de habilidades de reflexão fonológica**. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 35-48, 2012.

MIRANDA, A.R.M.(2008). **A aquisição ortográfica das vogais do português – relações com a fonologia e a morfologia**. Revista Letras (Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM), nº 36, janeiro/junho de 2008.

SCALZITTI, Carla Melissa Klock Scalzitti. **Linguagem e Infância: relações com o letramento**. Mestrado. PPGU/UFMT/CUR/ROO. Rondonópolis, 2012.

VYGOTSKY, L. S. (2000) **A formação social da mente**. Rio de Janeiro: Martins Fontes.